

Uma rua, um jardim e uma casa do tamanho do mundo

Coimbra, Teatro Gil Vicente, 18 de Janeiro de 2006

José Portela

Departamento de Economia, Sociologia e Gestão
UTAD, Vila Real

Agradecimentos e outras notas de abertura

A todos, salve! À Directora da Revista, uma palavra mais. Pediu-me Helena Araújo que participasse nesta sessão. Sim, o fim de semana foi imprevisto, mas virou uma fascinante leitura-reflexão acerca do mundo, de Portugal e uma feliz revisitação ao católico que fui. Enquanto nevava pelo Marão e Alvão, e por casa a lareira se reafirmava um cómodo prestimoso, achei-me serena e gozosamente nos tempos e nos espaços onde a história se cruza com a biografia. Helena: Bem haja!

À organizadora deste número da revista, Fernanda Henriques, à sua colaboradora mais directa, Eunice Macedo, e aos autores, digo: bem hajam pelo labor. As tarefas não foram fáceis, nunca são, mas esta obra – que vê agora a luz – é uma dádiva oferecida à Pátria que fala Português. Como sabemos, muitos são os beneficiários potenciais. E, além disso, que é tamanho, os textos, por si mesmos e no todo, reconfortam-nos porque fazem a prova da verdade do poeta que afirma que *morrer é só não ser visto*.

Isto assim é – e será –, vencendo sobre a lista negra, o silenciamento, a ocultação e o desterro. Ou seja, quem – tendo conhecido Maria de Lourdes Pintasilgo de perto – leia a obra sob apreço, reencontra-la-á e haverá festa. Quem só mental e espiritualmente a viu – e terá visto como interlocutora e irmã –, redescobri-la-á. Sim, redescobri-la-á como sempre: atenta, afectuosa, alegre e profética. E sentir-se-á revitalizado na esperança, quiçá na fé. Quem porventura a desconheça, achará nessa *ex-aequo* de quem fala Hélia Correia ao orar assim:

*Com tudo o que há nos homens de divino,
Com tudo o que de humano o céu tiver,
pode fazer-se e fez esta mulher
um plano, um mapa, um pórtico, um destino.*

Para fecho desta estação de abertura, algumas notas mais. A primeira para me situarem melhor nesta sessão. Já sabem do desafio feito por Helena Araújo. Mas, a bem da verdade do fazer-das-coisas, é mister que deixe claro como me sinto entre vós. Aqui, em Coimbra, cidade de limoeiros nos jardins domésticos e

que me devolve sempre um sentimento de libertação e alegria. Como me sinto? Não é como a privilegiada, ou o privilegiado, que conviveu ou trabalhou com Maria de Lourdes Pintasilgo que me acho aqui. Bem gostaria. Se assim fosse, outras leituras faria desta obra que faz presente uma pessoa de quem tais privilegiados podem dizer:

conviver com ela era um deslumbramento repetido e sempre surpreendente

Maria de Belém Roseira

Tolera com raiva as homenagens, mesmo dos amigos, porque o seu desígnio é homenagear o futuro para o qual quer contribuir com todo o seu entusiasmo

Boaventura Sousa Santos

Reconheço, todavia, que estou aqui como um privilegiado, um que já leu a revista quase toda e que, por força do repto que aceitou, assume a responsabilidade de partilhar só algumas pistas de leitura. Repito, só algumas. Foi difícil esta poda. A árvore é enorme, frondosa, os ramos são vigorosos e estão saudáveis. Trata-se, pois, de obra a visitar, a reler – por exemplo, em grupo, à hora do chá. Ou isoladamente, já que há textos que clamam por mastigação reflexiva.

A bem do respeito pela objectividade do olhar – que vai sendo a dialéctica dos subjectivos olhares de muitos – devo dizer que sou leitor-admirador de Maria de Lourdes Pintasilgo desde cedo. Com outros cristãos, e como universitário moçambicano, li e reli o boletim *Igreja em Diálogo* (seria uma *Gestetner* manual, a policopiadora?), li e reli as folhas também policopiadas da Capela do Rato e das Associações Académicas da «metrópole», e li depois, o *Mudar a Vida*, e etc., etc. Enquanto Maria de Lourdes Pintasilgo chefiava o Governo o retornado-transmontano que fui virou emigrante-estudante em Haia. Depois, por obra e graça do mistério, com alegria incontida virei pedreiro das Cidades Futuras. Fui há dias instado por uma Helena Araújo um pouquinho aflita, pelo tempo que não haveria, enquanto ouvia um murmúrio dentro de mim:

diz sim; é loucura, mas fá-la com o que tens, há um fim de semana e as horas sobrarão... não temas erro de «casting», apesar da coisa ser no Teatro Gil Vicente de Coimbra... não é hora de espectáculo.

Para rematar esta introdução, duas notas. Tendo dito como aqui cheguei, é hora de dizer qual o rumo que vou tomar. Direi primeiro da ideia global que me ficou da obra. Isto quanto aos autores e aos leitores antevistos, e quanto aos seus teores e formas. Depois, mostrar-vos-ei que nesta obra há uma rua, um jardim e uma casa do tamanho do mundo. Abrirei – por meio de alusões e metáforas – algumas janelas deste local-global onde apetece ficar a pensar. É que não quero correr o risco de quem estraga o jantar com uma descrição minuciosa dos pratos,

dos ingredientes e do saber-fazer culinário... Quero só dizer qb para que a revista seja lida. Concluo com uma sugestão final.

Tudo isto farei – e esta é a última nota introdutória – com palavras, expressões e emoções que ainda ressoam dentro de mim. Algumas são, claro, de Maria de Lourdes Pintasilgo. Outras não, mas por razões de tempo, neste texto oral, amiúde, não vou referir quem disse o quê. Que me perdoem os construtores dos textos, sei que a escrita é labor, mas sabemos igualmente todos que as palavras ganham asas e vogam por todo o lado, desde há muito. E de muito longe sopra um vento misterioso. Acontece, por vezes, que nós as achamos, no ar, no chão, enterradas no solo e, desenterradas da mente, coração, rins, fígado, enfim do corpo-pó, as re-escrevemos.

Ideia global quanto aos autores e leitores da obra

Não incluindo a homenageada que é, naturalmente, citada amiúde, esta obra está escrita por 22 autores, entre eles cinco homens. Incluem-se várias figuras públicas nacionais: desde uma ex-Ministra (que assumiu tal cargo duas vezes) a várias assessoras e dirigentes associativos, passando por duas ex-Secretárias de Estado e um candidato presidencial. Há ainda personalidades internacionais, todas elas pessoas com uma vida vivida intensamente, longe da «frivolidade dos costumes» e da «trivialidade do pensar».

Creio que o nº 12 da Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres é dirigida às pessoas de bem, a todos quantos se interrogam e inquietam, em particular aos «operários da consciência» – onde estão eles?

Ideia global quanto aos teores e formas da obra

A Revista, por via da recordação, do caso, da reflexão suscitada por Maria de Lourdes Pintasilgo, abarca problemas da Terra, da Europa e do país (por exemplo, o Choque ou o Plano-Choque Tecnológico, já não sei bem...); fala-nos do passado com futuro e dos futuros a evitar, aqui e já; e mostra ainda que o amanhã já começou ontem; por fim – o que é importantíssimo dizer –, é obra da *ordem da vida, não da ordem da força, do poder, do mais forte; não é da ordem do dinheiro*. Fernanda Henriques, a organizadora desta colectânea, rica pela qualidade, diversidade e profundidade das escritas, diz certa-mente:

No conjunto, trata-se de um número polifónico, quer pela natureza dos textos, quer pela diversidade de formação dos seus autores, quer ainda pelo grau de relação destes com Maria de Lourdes Pintasilgo.

É isto mesmo, uma polifonia, a qual ajuda a dar conta da própria polifonia da vida e obra da homenageada, cujo carisma envolvente produz unidade e harmonia do todo.

Há profusão de arquitectura e design formais, que, após o texto de apresentação, se inicia pela poesia. Achamos corpos e fragmentos poéticos e do belo texto inicial de Ana Luísa Amaral – o pórtico do pórtico – não resisto a reler a respectiva coroa:

*Serão futuras
as cidades que sonhaste
E hão-de passar
Da ideia
Para o tempo.*

Há uma cronologia e outros contributos com dados históricos, tal como um texto epistolar denso, textos com reflexões filosóficas, teológicas e políticas. Há ainda textos curtos, vivenciais, como o de Maria João Seixas, com relatos de casos e notas biográficas:

[Maria de Lourdes Pintasilgo tinha] uma curiosidade sem limites, uma capacidade de menina pequena para se surpreender com tudo, do quase silencioso movimento das coisas à matéria mais complexa das relações entre os povos.

Não posso deixar de dizer que me parece que haverá mesmo um anúncio profético e uma nota de rodapé subversiva. Com efeito, Manuela Silva diz-nos o seguinte, referindo-se a um rol de «iniciativas promissoras de uma economia cidadã»:

Com estes exemplos, e outros se poderiam apresentar, pretendo mostrar que, presentemente, existe um gigante [sim um gigante, não li mal], por ora ainda adormecido, mas que começa a dar sinais de que está pronto a despertar e a querer desempenhar papel condigno no palco da economia.

E segue-se uma nota de rodapé, que reza o seguinte:

Imagine-se, por exemplo, o que representaria para uma dada instituição bancária portuguesa se apenas 10% dos seus 4 ou 5 milhões de clientes decidissem retirar os seus depósitos até que a mesma revisse a situação escandalosa do sistema retributivo dos seus administradores? Ora, esta acção está ao alcance de um mero clic de computador...

Para concluir este ponto, devo confessar que enquanto leitor não pude evitar distrações do espírito. A diversidade, riqueza e profundidade dos textos submergiam-me e fui levado amiúde à re-leitura de extractos da Mulher das Cidades

Futuras. Afundei-me na minha memória e mesmo em paralelismos bíblicos, coisas da ordem da vida e da celebração.

Acerca duma dimensão simbólica: o nº 12 está justaposto à homenagem

Terá sido intencional? Puro acaso? De qualquer modo é mister notar que o número 12 é pujante, tem uma força simbólica tamanha. Trata-se de 3x4, ou seja, é uma totalidade com o vigor simbólico do cruzamento dum superlativo com uma plenitude. Recordemos que, em hebraico, Santíssimo produz-se justamente pela repetição tripla – Santo, Santo, Santo – e não há, não resta, mais espaço do que o varrido pelos (planos, hemisférios, espaços...) Norte-Sul e Oriente-Occidente.

O 12 é, pois, um sinal de abundância, e desta há prova tanto na colectânea – um graal transbordante – como, evidentemente, na vida e na obra de Maria de Lourdes Pintasilgo. Aliás, na vida e obra dos seus colaboradores e amigos haverá igualmente taças cheias e a encher. E a merecerem que sejam vazadas para o saber e a vida dos demais. Um exemplo, extraído do depoimento de Hermano Carmo, seu secretário quando Maria de Lourdes Pintasilgo foi Secretária de Estado da Segurança Social. Escreve ele o seguinte:

Ainda um dia hei-de contar essa experiência de sete meses entre Maio e Dezembro de 1974 em que trabalhámos onze horas por dia (ela trabalhava mais pois levava sempre duas enormes pastas de despacho para casa).

E adiante relata um episódio ocorrido no seu primeiro dia de trabalho, ao receber orientações. A Secretária de Estado recusava tomar conhecimento de dois tipos de documentos: *nem cunhas nem cartas anónimas*.

Haverá muito que contar acerca da obra, pensamento e personalidade de Maria de Lourdes Pintasilgo, pelo que dei comigo a pensar que faria sentido re-homenageá-la com obra similar, não de 12 em 12 anos, nem de 12 em 12 meses, mas, pelo menos de 4 em 4 anos, ou de 3 em 3 anos. Aqui fica a sugestão.

Há quem alegue que souro de *overdose* de lirismo. Ciente disto, tenho de perguntar a mim mesmo: deveria ser mais concreto e específico? Às tantas sim, mas não quero ir muito além de pistas, sugestões, já o afirmei. Assim sendo, passo a outra estação deste caminho. A de mostrar que nesta obra há uma rua, um jardim e uma casa do tamanho do mundo. E abrirei, aqui e ali, algumas janelas.

Nesta obra há uma rua, um jardim e uma casa do tamanho do mundo

Na contracapa desta obra, Fernanda Henriques – qual jardineira –, estabeleceu um canteiro com *palavras floridas de valores e cultura*. E há ainda uma rua – a da capa –, rua essa que é muito especial: parece estreita, cinzenta, húmida e fria,

as paredes não estão caiadas, sim, é verdade, o reboco foi mesmo ratado por invernos passados, mas a rua está iluminada; a sombra no canto inferior direito dá mais luz ao rosto, ao braço e ao pulso firme que empunha a bandeira da alegria e da fé; há brilho nos olhos femininos; uma cara radiante e radiosa; um sorriso aberto a entornar esperança e alegria, contagiando a mulher encostada à parede, quiçá uma jovem do campo; há um homem perplexo, talvez temeroso – lembro que Maria de Lourdes Pintasilgo afirmou *os homens tem realmente medo de mulheres que tomem posição* – mas faço notar ainda (em contraponto a esta citação) que a foto mostra a metade dum segundo homem, jovem, sorridente. Adivinhámos os passos dados para uma *praxis* respeitosa e afectuosa de escutar-escutar-escutar e dialogar com a gente da rua, os pobres, as pessoas-em-concreto; presentimos a voz poderosa iminente, a gargalhada inesperada, ou mesmo o canto – quem sabe? – *o discurso claro e rigoroso, e também quente e convicto; e a enorme capacidade de surpreender*.

Na verdade, reparando bem, ontem como hoje, Maria de Lourdes Pintasilgo ergue o ramo como uma tocha cintilante e ao erguê-lo presta homenagem aos que a rodeiam, justamente quando é ela a homenageada. Como confirma a irmã brasileira Darcy de Oliveira, ela sempre foi *inédita e subversiva*. Esta fotografia e a da Mulher das Cidades Futuras conduziram-me a outra sugestão, que aqui deixo, porventura já em projecto: que se produza uma cuidada fotobiografia da vida pública de Maria de Lourdes Pintasilgo. Repito: uma cuidada fotobiografia da sua vida pública. Seria, sem dúvida, irradiante.

Três das janelas da casa mundo que é a ex æquo nº 12

As janelas de que falo são, digamos, chaves de leitura da obra. Ora, a primeira janela que escolhi abre-se precisamente para «a rua», para o caso *in loco*, para as *pessoas-em-concreto*. Pisar o chão é preciso e escutar-escutar-escutar faz falta, isto se se quer a governação da nação. Para sugerir esta necessidade recordei-me dum poema de Brecht. Aqui fica um extracto:

Dificuldade de Governar

Todos os dias os ministros dizem ao povo
Como é difícil governar. Sem os ministros
O trigo cresceria para baixo em vez de crescer para cima.
Nem um pedaço de carvão sairia das minas [...]

É também difícil, ao que nos é dito,
Dirigir uma fábrica. Sem o patrão
As paredes cairiam e as máquinas encher-se-iam de ferrugem.
Se algures fizessem um arado

Ele nunca chegaria ao campo sem
As palavras avisadas do industrial aos camponeses: quem,
De outro modo, poderia falar-lhes na existência de arados?
E que seria da propriedade rural sem o proprietário rural?
Não há dúvida nenhuma que se semearia centeio onde já havia batatas.

Bertolt Brecht, *in* Poemas.
[Tradução (com a colaboração de Sylvie Deswarte).
Seleção, estudos e notas de Arnaldo Saraiva]
Editorial Presença, Lisboa, 1976, p. 68.

A centralidade e o vigor do impacto das ideias é outra chave para abordarmos e aprofundarmos a obra sob apreço. Fui, assim, conduzido a um segundo poema, alimento saudável para reflexão:

Filhos da época

Somos filhos da época
e a época é política.

Todos os teus, nossos, vossos
problemas diurnos e nocturnos
são problemas políticos.

Quer queiras quer não,
os teus genes têm passado político,
a pele um tom político,
os olhos um aspecto político.

O que dizes tem ressonância,
o que calas tem expressão,
seja como for, política.

Mesmo passeando pelo campo,
dás passos políticos
em solo político.

Poemas apolíticos são também políticos
e lá em cima brilha a lua,
unidade que deixou de ser lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.
Que questão, diz, querido.
A questão política.

Nem é preciso ser humano
para ganhar importância política.
chega que sejas petróleo,
ração composta ou matéria reciclável.

Ou a mesa de debate,
cuja forma foi discutida meses a fio:
em que mesa se negociam a vida e a morte?
Redonda ou quadrada?

Entretanto pereciam homens,
morriam animais,
ardiam casas,
tornavam-se os campos bravios
como nos tempos antigos
e menos políticos.

Wisława Szymborska, *in* «Ludzie na moscie»
(Gente na ponte), 1986, extraído de
Czesław Miłosz e Wisława Szymborska, *Alguns Gostam de Poesia*, Antologia,
(Seleção, introdução e tradução do polaco de Elżbieta Milewska e Sérgio das
Neves)
Cavalo de Ferro, 2004, pp. 212, 213.

A última janela é a que nos abre para a ideia de que é imperioso «cuidar o futuro», aqui e já. Ora, esta solicitude radica na fé em Jesus Cristo, fé que Maria de Lourdes Pintasilgo proclama dia-a-dia, na ordem do aqui. Assim vi um paralelismo com outro poema, outra voz, a de Khalil Gibran, igualmente cristão:

A religião

E UM velho sacerdote disse:
– Fala-nos da Religião.
E ele respondeu:
– Porventura tenho eu falado de outra coisa?

Porventura não é religião
tudo o que se faz
e tudo o que se pensa?
[...]

Quem é capaz de separar a fé
dos seus actos,
ou a sua crença das ocupações?

Quem é capaz de estender as horas
diante de si dizendo:

– Isto para Deus, isto para mim,
isto para a alma, isto para o corpo?

[...]

E se quereis conhecer a Deus,
não vos preocupeis em resolver enigmas.

Olhai antes à vossa volta
e vê-IO-eis brincando com os vossos filhos.

Olhai para o espaço e percebê-IO-eis
caminhando nas nuvens,
estendendo os braços no relâmpago
e descendo na chuva.

Vê-IO-eis sorrindo nas flores,
depois levantar-se
e agitar as mãos nas árvores.

Khalil Gibran, *in* O Profeta,
(traduzido por Manuel Simões)
Editorial A. O., Braga, 1978, pp. 104-107.

É tempo de concluir: na *ex æquo* 12 há uma rua, um jardim e uma casa do tamanho do mundo.